



ODIÁRIO DE RYWKA

ENCONTRADO EM AUSCHWITZ EM 1945
PUBLICADO PELA PRIMEIRA VEZ 70 ANOS DEPOIS

RYWKA LIPSZYC

Tradução do inglês
ALESSANDRA ESTECHE

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2014 by Jewish Family and Children's Services of San Francisco,
the Peninsula, Marin and Sonoma Counties

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Diary of Rywka Lipszyc: Found in Auschwitz by
the Red Army in 1945 and First Published in San Francisco in 2014

CAPA E PROJETO GRÁFICO Joana Figueiredo

PREPARAÇÃO Mell Brites

REVISÃO Renata Lopes Del Nero, Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lipszyc, Rywka

O diário de Rywka : encontrado em Auschwitz em 1945, publicado
pela primeira vez 70 anos depois / Rywka Lipszyc; tradução do inglês
Alessandra Esteche. - 1^a ed. - São Paulo : Seguinte, 2015.

Título original: The Diary of Rywka Lipszyc : Found in Auschwitz by
the Red Army in 1945 and First Published in San Francisco in 2014.

ISBN 978-85-65765-67-1

1. Guetos judaicos – Polônia – Lodz – História 2. Holocausto judeu
(1939-1945) – Polônia – Lodz – Narrativas pessoais 3. Judeus –
Perseguições – Polônia – Lodz 4. Judeus – Polônia – Lodz – Biografia
5. Lipszyc, Rywka, 1929 – Diários 6. Lodz (Polônia) – Relações étnicas
I. Título

15 - 03494

CDD-920.0092924

Índice para catálogo sistemático:

1. Polônia : Gueto de Lodz : Sobreviventes do Holocausto : Memórias
autobiográficas 920.0092924

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br



SUMÁRIO

<i>Introdução: Rywka Lipszyc — Crescendo no Gueto de Lodz</i>	11
<i>O diário de Rywka Lipszyc</i>	53
<i>A cidade de Rywka, o gueto de Rywka</i>	151
<i>O que aconteceu com Rywka Lipszyc?</i>	171
<i>Agradecimentos</i>	193
<i>Referências bibliográficas</i>	199
<i>Créditos das imagens</i>	203

INTRODUÇÃO

RYWKA LIPSYC — CRESCENDO NO GUETO DE LODZ



Alexandra Zapruder

RYWKA LIPSZYC INICIOU O ÚNICO VOLUME remanescente de seu diário logo após seu aniversário de catorze anos. Preencheu à mão mais de cem páginas durante seis meses, de outubro de 1943 a abril de 1944, e de repente parou. Um ano depois, uma médica soviética que acompanhava as forças libertadoras do Exército Vermelho o encontrou em Auschwitz-Birkenau, perto das ruínas dos crematórios. Se a jornada do diário sugere o caminho que Rywka percorreu em direção à morte quase certa, suas páginas contam uma história ainda mais comovente. Através de seus escritos, Rywka lutou para entender a si mesma e se expressar, revelando tanto as dificuldades físicas da vida no gueto quanto a confusão emocional que sentia por ter crescido durante o Holocausto.

Nascida em 15 de setembro de 1929, Rywka era a mais velha dos quatro filhos de Yankel e Miriam Sarah Lipszyc. Seu irmão Abram, chamado de Abramek, nasceu em 1932, seguido por Cypora, conhecida como Cipka, que veio ao mundo em 1933. A caçula da família, Estera, apelidada de Tamarcia, nasceu em 1937. Os pais de Rywka eram de Lodz, na Polônia. Yankel — o quinto dos oito filhos de Avraham Dov e Esther Lipszyc — morava com a família muito perto de seus irmãos e de outros parentes. Através de Hadassah, esposa de seu irmão mais velho Yochanan, a família mantinha uma conexão distante com Moshe Menachem Segal, o famoso “último rabino” do gueto de Lodz. Ele foi torturado depois que os alemães invadiram a cidade e assassinado em 1942, próximo a Kielce.¹

1. Mais informações em: <<http://kehilalinks.jewishgen.org/lodz/rabbi.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

Judia ortodoxa, a família era praticante devota. No diário, Rywka revela sua forte ligação com os rituais do Shabat e do calendário de festas judaicas, além de sua fé inabalável em Deus. “Tenho tanto amor por Deus!”, ela escreveu em 2 de fevereiro de 1944:

Posso confiar em Deus sempre e em qualquer lugar,
mas tenho que ajudar um pouco, pois nada acontece
só por acontecer! Mas sei que Deus vai cuidar de mim!
Ah, que bom que sou judia, que fui ensinada a amar
a Deus... Sou grata por tudo isso! Obrigada, Deus!

Quando Rywka começou a escrever seu diário, vivia no gueto de Lodz havia mais de três anos e já tinha perdido o pai e a mãe. Um dia os alemães espancaram sem piedade seu pai na rua, lhe causando feridas severas, das quais ele nunca se recuperou completamente. Ele morreu no dia 2 de junho de 1941 devido a problemas pulmonares e uma soma de outras doenças. Essa memória vívida foi registrada por Rywka no fim do diário.

A mãe cuidou sozinha dos quatro filhos durante um ano, até vir a falecer

em 9 de julho de 1942. Os detalhes exatos de sua morte são desconhecidos, mas ela provavelmente sucumbiu a doenças relacionadas à desnutrição e à exaustão, como dezenas de milhares no gueto. O pai de Rywka foi enterrado no cemitério judaico de Marysin, na periferia nordeste do gueto; já o lugar de descanso dos restos mortais de sua mãe permanece desconhecido. Ainda assim, Rywka às vezes era tomada por um forte desejo de visitar seus túmulos: “Faz alguns dias que algo me impele a visitar o cemitério”, escreveu no dia 4 de fevereiro, “Parece uma força inconsciente. Eu queria tanto ir até lá! Ir até a mamãe, até o papai. Tenho tanta vontade!”.

Os sobreviventes da família adotaram as crianças órfãs. Um tio recebeu Abramek e Tamarcia, e Yochanan e Hadassah Lipszyc abriram sua casa para Rywka e Cipka. Apenas dois meses depois, Rywka e seus irmãos tiveram de enfrentar um dos acontecimentos mais traumáticos da história do gueto, o cruel *szpera* (“toque de recolher”, em polonês) de setembro de 1942. As autoridades alemãs exigiram que 15 mil judeus com menos de dez e mais de 65 anos de idade se rendessem para deportação, além dos doentes e inválidos.

Mordechai Chaim Rumkowski, a quem chamavam Ancião dos Judeus, transmitiu a ordem terrível para a população do gueto. Em seu discurso,

incentivou os pais a fazerem o impensável para impedir um destino ainda pior para toda a população do gueto. Implorou a uma multidão de milhares de pais chorosos:

Um duro golpe atingiu o gueto. Nunca imaginei que seria obrigado a entregar esse sacrifício ao altar com minhas próprias mãos. Em minha idade avançada, devo estender as mãos e implorar: irmãos e irmãs, entreguem-nos a mim! Pais e mães, me deem seus filhos!²

Durante o *szpera*, Yochanan e Hadassah, que estava muito doente, tentaram salvar não apenas a si mesmos e suas três filhas (Estusia, Chanusia e Minia), mas também Rywka, Cipka e outra prima chamada Esther, que tinha apenas três anos de idade. Por alguma razão desconhecida, as autoridades alemãs só prenderam Yochanan, deixando Hadassah com seis meninas em casa. Quando a ronda de uma semana terminou, no entanto, Abramek e Tamarcia também tinham sido arrancados dos braços do tio adotivo. Rywka e Cipka foram as únicas sobreviventes de uma família que menos de um ano antes tinha seis integrantes. Dali em diante, o *szpera* permaneceu uma ferida aberta para Rywka e para toda a população do gueto. Em janeiro de 1944, no apartamento de uma amiga, a conversa se voltou a essa memória dolorosa:

Conversamos sobre o *szpera*. Ewa desabafou o tanto que precisava e pareceu tirar um peso do peito. Eu me mantive em silêncio, o que iria dizer?... Chajusia nos contou como elas conseguiram se salvar na rua Czarnieckiego. Elas estavam lá durante o *szpera*. Aquela conversa, aquilo tudo me chateou... Não me sinto bem... Ah, não tenho forças... Meu coração se tornou uma pedra pesada... Estou me sentindo cada vez mais sufocada, mais sufocada...
(15 de janeiro de 1944)

2. Chaim Rumkowski, "Give me your Children!". In: Alan Adelson e Robert Lapidés (Orgs.), *Łódź Ghetto: Inside a Community Under Siege*. Nova York: Penguin, 1989, pp. 328-31.

Já que o destino exato dos infelizes não foi divulgado à época, a população do gueto temia o pior. Rywka expressava repetidamente o medo — a suspeita persistente, na verdade — de que jamais veria seus irmãos novamente. Só depois de terminada a guerra a verdade veio à tona. As autoridades alemãs levavam os deportados para o centro de extermínio em Chelmno — o destino de 70 mil judeus de Lodz antes da exterminação total em agosto de 1944. Lá, depois de tirarem suas roupas e objetos de valor, eram colocados em “caminhões de gás” rudimentares e intoxicados com monóxido de carbono. A ss assassinou mais de 152 mil judeus de Lodz e das áreas vizinhas em Chelmno entre os anos 1941 e 1944.³

Hadassah, ainda muito doente e agora viúva, seguiu cuidando de todas as seis meninas até que também morreu em 11 de julho de 1943. Então Estusia, a mais velha, aos vinte anos assumiu a imensa responsabilidade de cuidar de suas duas irmãs, além de Rywka e Cipka — todas menores de idade. (Outra tia adotou a prima mais nova, Esther.) Elas moravam em um apartamento na rua Wolborska, número 38, em condições extremamente difíceis.

O Comitê de Proteção à Juventude, que havia sido instituído para cuidar dos órfãos do gueto, dava uma pequena ajuda a Rywka e Cipka. A entidade

3. A informação sobre o número de mortos em Chelmno varia muito. Usamos a estimativa mínima feita pelo Museu Memorial do Holocausto, nos Estados Unidos, mas outras fontes estimam de 172–230 até 350 mil mortos.

provia cupons para consultas odontológicas, roupas de frio e outras necessidades básicas. Além disso, as meninas ganhavam uma quantia extra de comida, chamada *bajrat* ou ração “B”, que complementava a porção escassa que recebiam. Apesar desse tipo de ajuda, fica claro com a leitura do diário que Rywka e as primas — assim como a maioria dos habitantes de lá — conviviam cada vez mais com a fome e a privação extremas que caracterizavam a vida no mais cruel e duradouro gueto alemão.

O diário de Rywka foi um dos muitos vindos do gueto de Lodz que chegaram até nós. Dawid Sierakowiak, um jovem brilhante, escreveu o mais extenso e mais famoso deles. Os cinco volumes, que possuem hiatos devido aos cadernos perdidos, cobrem o período de junho de 1939 a abril de 1943. Neles, assistimos à transformação de um jovem curioso, observador e com um humor inteligente em mera sombra de si mesmo — alguém impossibilitado de trabalhar ou estudar, longe dos pais, apenas suportando a agonia diária da fome e da desesperança. O diário de Dawid termina alguns meses antes da sua morte por tuberculose em agosto de 1943.

Outra garota escreveu um diário fragmentado durante os meses de fevereiro e março de 1942. Nele, ela descreve a pressão implacável da fome sobre sua família e mostra a natureza brutal dessa situação, assim como todo o sacrifício — pessoal, social, espiritual, mental e moral — envolvido.

Por último, um jovem que escrevia em quatro línguas (polonês, iídiche, hebraico e inglês) nas margens e rodapés de um romance francês intitulado *Les Vrais Riches* registrou os momentos finais do gueto no verão de 1944, quando os poucos sobreviventes — Rywka entre eles — esperavam impotentes pela chegada do Exército Vermelho e sua libertação. Seu diário é tomado pela aflição daquele período e pelo desespero que surgiu com a notícia do extermínio do gueto, ocorrido em agosto de 1944.

Rywka escreveu de outubro de 1943 a abril de 1944, preenchendo uma lacuna temporal dos outros diários e acrescentando sua visão sobre os acontecimentos mais importantes do gueto nessa época. Além do período que sua narrativa abrange, a perspectiva de Rywka como judia ortodoxa também diferencia sua escrita dos registros feitos por outros jovens escritores de Lodz. Embora todos eles se deparassem de alguma forma com questões existenciais, a maioria encontrava respostas dentro de um horizonte secular. Já Rywka via o mundo através da lente da religião: acreditava fervorosamente na benevolência de Deus e se esforçava para viver de acordo com as leis e a ética judaicas. Ao mesmo tempo, era uma jovem moderna, com ambições intelectuais, curiosa a respeito do mundo e do lugar que ocupava nele, e abençoada — ou amaldiçoada — com uma personalidade forte que não a permitia conviver com sua indignação em silêncio. Ela resistia, protestava e lutava quando necessário.

O diário de Rywka fala de seu mundo interior e do exterior. A garota narra as questões práticas do dia a dia — a mecânica da sobrevivência no gueto, o trabalho incessante, o alívio momentâneo oferecido pela escola, além de outras atividades —, e também descreve os acontecimentos de fora do gueto que afetavam toda a comunidade, inclusive ela própria. Mas o que sobressai em sua escrita é principalmente seu mundo interior: a relação com a escrita, a identidade em formação, as amizades (principalmente a ligação profunda com a mentora Surcia), sua filosofia de vida (ou seja, sua tentativa de dar sentido ao mundo pelas lentes da própria experiência), o luto pela família, o esforço, a exaustão, o desespero, a fome, o medo, a tentativa de manter a força e a fé. Os registros de Rywka são uma combinação às vezes um pouco confusa

de relatos, reflexões, expressão de sentimentos, notícias, sensações e ideias. Eles oferecem uma perspectiva nova do dia a dia e da sobrevivência no gueto de Lodz, mas também ilustram o esforço dessa menina para crescer dentro desse caldeirão de aprisionamento, privação e opressão. Fica evidente, acima de tudo, que Rywka buscou conforto e salvação na escrita de seu diário, e a sobrevivência dele atesta a angústia de sua luta condenada ao fracasso.

“O PRIMEIRO FERIADO JÁ PASSOU”, Rywka escreve em sua primeira anotação do dia 3 de outubro de 1943, referindo-se ao Rosh Hashaná, o Ano-Novo judeu. Na época, Rywka tinha saído de um emprego no Escritório Central de Contabilidade e assumido uma vaga na Oficina de Vestuário e Roupas de Cama, gerenciada por Leon Glazer. Sediada na rua Dworska, número 14, a oficina deu início à produção de roupas íntimas e vestidos no começo de 1941, contando com 157 trabalhadores e 77 máquinas. Um ano depois, o número de trabalhadores aumentou quase dez vezes, e a fábrica passou a produzir também roupas masculinas e de cama, muitas das quais iam para o esforço de guerra alemão. Inúmeras crianças trabalhavam na fábrica, ficando

assim relativamente protegidas da deportação ao aprender uma profissão. Como Rywka tinha proximidade com uma pessoa a quem chama apenas de Zemlówna, a srta. Zemel, parente de um dos gerentes da oficina, o sr. Zemel, ela garantiu um lugar nessa instituição bastante notável do gueto e trabalhou na fábrica localizada na rua Franciszkanska, números 13/15.

Desde o início do diário, então, nota-se que a rotina de Rywka é fundada no trabalho e na escola. Grande parte da educação que recebia era de cunho prático — ela aprendia a usar a máquina de costura, medir uma saia, fazer crochê —, e ficava sob tutela de sua professora, a sra. Kaufman. Além disso, assim como as outras crianças, tinha algumas aulas de disciplinas tradicionais, como hebraico, iídiche e matemática. Rywka dava valor às habilidades que desenvolvia na oficina. Certa vez, sonhando com a vida após a guerra, escreveu:

[...] imagino uma sala simples, iluminada à noite, toda a minha família sentada à mesa. É tão agradável... Tão terno, confortável... Ah, é tão bom! Depois, imagino que, quando todos vão dormir, sento à máquina de costura e costuro... costuro... É tudo tão doce, tão bom... tão

prazeroso! Porque tudo que faço com minhas próprias mãos é nosso sustento. Paga pelo pão, pela educação, pelas roupas... quase tudo. O trabalho que faço com minhas próprias mãos... Sou muito grata à sra. Kaufman por isso... (28 de fevereiro de 1944)

Mas, ao mesmo tempo, o trabalho podia ser cansativo, e Rywka dependia principalmente dele para conseguir sua porção de sopa na hora do almoço. Ela descreve os dias longos e entediantes, assim como os conflitos com as colegas da escola. Rywka detestava ter que trabalhar na oficina aos sábados, dia de descanso para os judeus. Para os religiosos, o Shabat — que marca o término do trabalho de criação do mundo por Deus — é um dia sagrado, usado para estudar, rezar e ficar com a família e os amigos. Segundo o judaísmo, ele deve antecipar a harmonia e a paz que preencherão o mundo quando o Messias vier e o povo judeu for finalmente resgatado de todo o sofrimento. Para Rywka, trabalhar no Shabat não só era uma violação desse preceito do ritual judaico, mas também lhe roubava uma de suas únicas fontes de prazer em meio a uma existência sombria. No dia 20 de fevereiro de 1944, ela escreveu:

Ah, Deus! Nunca vou esquecer essa sensação, me senti tão mal, como se estivesse engasgada, com vontade de chorar! Chorar... Chorar... Observei as pessoas indo para a oficina como sempre faziam. Esse dia, esse dia sagrado, santo, é para elas um dia normal e comum. [...] Para mim, ir a oficina no sábado foi uma agonia terrível. Eu pensei várias vezes, quase sem querer: se tiver que fazer isso de novo (preferia não fazer), será que vai se tornar uma coisa comum para mim, vou me acostumar? Ah, Deus, faça algo para que eu não tenha que ir à oficina no sábado!

Me senti tão mal! Queria chorar!

Rywka enchia o diário com detalhes sobre seu dia a dia, relatando suas principais tarefas: lavar roupa, descascar batatas, fazer compras, cozinhar, pegar carvão e arrumar a cama. Também narrava os pequenos e grandes problemas que se abatiam sobre ela, como uma dor de cabeça ou de dente, a dificuldade com seus sapatos gastos, a fome e o clima hostil. Em janeiro, escreveu sobre uma epidemia de gripe que assolou o gueto, reduzindo a força de trabalho quase pela metade e esgotando os já insuficientes suprimentos médicos disponíveis:

A gripe domina o gueto, está em qualquer lugar que se vá, a gripe está em toda parte... nas oficinas e nos escritórios não há ninguém. Há muitas licenças por motivo de doença. (O sr. Zemel brincou que ia levar as licenças até as máquinas para que elas continuassem a produção.)
[...] Chajusia⁴ está gripada, a mãe de Surcia também... Vou ficar sem páginas se escrever o nome de todos que estão doentes... [...] Maryla Lucka e seu pai também estão doentes. Na família da sra. Leibenstein todos estão doentes, menos ela; Samuelson está doente; Jankielewicz substituiu Berg porque Berg está doente. Rundberg, meio doente, veio à tarde... (14 de janeiro de 1944)

4. Não confundir com a prima de Rywka, Chanusia.